

O QUE ACONTECE QUANDO MACEIÓ AFUNDA EM LÁGRIMAS?: FABULAÇÕES LAGUNARES E INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS NAS RUÍNAS DO CASO BRASKEM

Palavras-chave: Braskem, intervenções artísticas, ruínas.

Willyam Vieira dos Santos; mestrando em Dinâmicas do Espaço
Habitado pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
(PPGAU/UFAL); Maceió, Alagoas, Brasil;
osanvie@gmail.com.

1. Introdução

O município de Maceió convive com o que é reconhecido como o maior crime socioambiental urbano em curso no mundo, resultado de décadas de exploração de sal-gema pela petroquímica Braskem S.A. que, mesmo tendo o início da exploração ainda em 1976, já era considerada crítica na localidade, com riscos conhecidos desde o período de instalação industrial (Mansur; Wanderley, 2023).

A gênese do conflito eclodiu com a autorização da extração de sal-gema de maneira contrária às recomendações ambientais e científicas. Segundo Silva et al., (2025, p. 8) as advertências informavam que “a região era de restinga e de mangue, muito sensível ambientalmente, e considerada um santuário ecológico.” Após décadas de exploração, no ano de 2018 os relatos de rachaduras em bairros da região ganharam a mídia, onde as atividades predatórias praticadas pela empresa impulsionaram um abalo sísmico de 2.5 de magnitude na Escala Richter, segundo publicações de portais de notícia no início e no final do mesmo ano, tais como Agência Tatu¹ e Uol Notícias².

Em dezembro de 2023, a Defesa Civil de Maceió registrou através das câmeras de monitoramento o colapso da Mina 18, localizada nas proximidades da Lagoa Mundaú,

¹ Ver em: Abalo sísmico registrado em Maceió foi o primeiro desde 1954.

<https://www.agenciatatu.com.br/noticia/abalo-sismico-registrado-em-maceio-foi-o-primeiro-desde-1954>. Acesso em: 04 jul. 2025.

² Ver em: Paredes racham, solo afunda e bairro tenta achar anomalia no solo em Maceió.

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/12/11/rachaduras-pinheiro-maceio-alagoas-prefeitura-emergencia.htm>. Acesso em: 04 jul. 2025.

provocando uma perturbação no espelho d'água e sugando a água da lagoa para dentro da mina, intensificando a subsidência do solo e ocasionando a morte de peixes e mariscos (Rodrigues et al., 2024).

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre as práticas artísticas que emergem diante do colapso socioambiental provocado pela atividade extrativista da empresa Braskem em Maceió, Alagoas. O afundamento do solo em cinco bairros da capital alagoana, tendo como principais afetados os bairros do Pinheiro, Mutange e Bebedouro, desalojou mais de 60 mil pessoas e reconfigurou drasticamente o tecido urbano e os modos de vida historicamente entrelaçados à lagoa Mundaú (Mansur; Wanderley, 2023).

Dessa maneira, dada a relevância da pesquisa em iluminar uma dimensão frequentemente apagada do debate acadêmico em torno do caso, entende-se que o problema investigado parte da ruína como fenômeno narrativo e imaginativo, expresso nas casas vazias, nas ruas desertificadas e nos vínculos rompidos. Assim, objetiva-se compreender como práticas artísticas emergem diante de territórios em ruína e quais formas de denúncia e recomposição podem ser ativadas, partindo do pressuposto da criação como prática partilhada, capaz de articular esteticamente a ausência e a persistência.

2. Metodologia

A pesquisa adota um caráter exploratório e interpretativo, articulando dois eixos principais: 1) o levantamento empírico das narrativas e intervenções criativas realizadas entre 2019 e 2024 nos bairros do Mutange, Pinheiro e Bebedouro, e 2) a fundamentação teórico-conceitual.

O eixo empírico compreendeu o levantamento de 11 intervenções criativas nos territórios estudados, através das redes sociais e dos portais de notícia, observando a transformação das paisagens urbanas e lagunares. Priorizou-se as práticas artísticas insurgentes, como o pixo e as instalações vernaculares que ocuparam e ocupam as edificações abandonadas.

O eixo teórico-conceitual fundamenta-se em autoras/es que oferecem ferramentas críticas para interpretar as ruínas e as práticas artísticas. Isabelle Stengers (2018) foi

mobilizada para articular a noção de “cosmopolítica”, entendida como abertura às múltiplas agências em jogo nos territórios arruinados. Donna Haraway (2023) contribui com a ideia de fabulação científica, fundamental para compreender a insistência criativa diante do colapso. Por fim, parte-se de Adriana Serrão (2023) para pensar a ruína como operador conceitual.

3. Resultados e discussão

Entre os anos de 2019 e 2024, as ruínas do caso Braskem se tornaram campo de disputa estética, onde intervenções artísticas se inscreveram nas edificações abandonadas com frases que denunciam a invisibilização da dimensão traumática da perda de território. A insurgência artística surge como um enfrentamento simbólico à catástrofe, resistindo ao seu apagamento e disputando o imaginário coletivo através da fabulação com o que resta. Essa intervenção em territórios de instabilidade foi uma prática comum de coalizões formadas para denunciar a crise. (Souza et al., 2023).

Entre as práticas artísticas levantadas, destaca-se a intervenção “Maceió afunda em lágrimas!”, realizada por artistas diversos, com frase pintada na Ladeira do Calmon, uma das vias principais do bairro do Bebedouro (Imagem 1). A ação socializou o gesto artístico, convertendo-o em dispositivo de narrativa coletiva e reivindicação do espaço público, ganhando a mídia e evidenciando a projeção internacional do caso.



V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Imagem 1 – Intervenção artística no bairro do Bebedouro com frase “Maceió afunda em lágrimas!”.

Fonte: Mayra Costa (2024)

Além desta, destacam-se diversas intervenções que se voltam para temáticas que denunciam o crime, a saudade e o trauma (Imagem 2). A dimensão do “sonho” como possibilidade de futuro aparece como crítica à retirada do direito de existir no próprio território, denunciando nominalmente a Braskem pelo assalto de seus vínculos construídos na zona afetada. Frases como “Braskem, me diz quanto vale o sal de nossas lágrimas?” e “Esta casa foi invadida, depredada e está rachada. Quem pagará por isso?” entoam perguntas que responsabilizam a empresa e cobram por respostas, revelando o tom combativo que a prática artística assume neste contexto.



Imagem 2 – Colagem com frases de denúncia nos muros dos bairros.

Fonte: Autor (2025)

Essas intervenções reconstróem o sentido do território ferido a partir da intervenção direta nele, ao incubar práticas que resgatam a presença e exigem visibilidade. A partir das ruínas, artistas e coletivos tornam-se mediadores sensíveis que recusam o apagamento técnico e reivindicam o direito de narrar e reconquistar o espaço urbano.

Observa-se assim que o colapso provocado pela exploração de sal-gema configura-se não somente como um desastre urbano, mas como evento ecocida de grande escala. A subsidência do solo comprometeu mais de 14 mil edificações e desestabilizou o entorno

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

da lagoa Mundaú, alterando fluxos hídricos, assoreando trechos de manguezal e impactando ecossistemas (Mansur; Wanderley, 2023). O impacto direto sobre os modos de vida de pescadores e marisqueiras da região interrompeu práticas de subsistência e relações culturais que dependiam da vitalidade lagunar, instaurando uma ruptura profunda entre território, corpo e memória.

É nesse cenário de suspensão que a noção de fabulação científica, nos termos *SF* de Donna Haraway (2023)³, emerge como gesto de possibilidade de coabitação e cuidado, onde fabular não significa fugir da catástrofe, mas habitar suas fendas, compondo narrativas e formas de cuidado com o que resiste à desapareição. Assim, fabular com a lagoa é imaginar modos de viver e dialogar com a água e o trauma, para dar sentido ao território mesmo quando este parece condenado à perda.

A proposição cosmopolítica, tal como formulada por Isabelle Stengers, desloca a política de um campo exclusivamente humano para um espaço de negociação e composição entre múltiplas entidades, visíveis e invisíveis, humanas e mais-que-humanas. Segundo a autora, “a proposição cosmopolítica não busca impor um consenso, mas criar um espaço em que os diferentes mundos possam hesitar juntos, reconhecendo-se mutuamente como existentes” (Stengers, 2018, p. 444). Essa abertura à hesitação e ao encontro de mundos constitui um gesto essencial para lidar com desastres que desestabilizam ecossistemas e formas de vida, como no caso do colapso socioambiental provocado pela Braskem em Maceió.

Ao tomar o território arruinado como espaço de escuta e mediação, as práticas artísticas situadas marginalmente na Mundaú atuam como dispositivos cosmopolíticos. Cada intervenção visual ou performativa inscreve o desastre na memória coletiva e, ao

³ A autora utiliza a sigla SF para se referir a *speculative fabulation* (fabulação especulativa), *science fiction* (ficção científica), *speculative feminism* (feminismo especulativo), *scientific fact* (fato científico), *string figures* (figuras de barbante, conhecidas como cama de gato) e *so far* (por enquanto). A noção de SF aqui é utilizada como diferentes maneiras de “ficar com problema”, ou seja, de pensar em pistas que reconheçam o processo de refazer “os modos de viver e morrer sintonizados com o florescimento finito ainda possível, com recuperação ainda possível” (Haraway, 2023, p. 23), o que, no contexto do presente artigo se faz interessante para aproximar a discussão especulativa da cosmopolítica. Haraway (p.28) aponta que Stengers “sustenta que as decisões devem ser tomadas, de algum modo, na presença de quem arcará com as consequências”, destacando a importância de pensar as catástrofes e os territórios pela perspectiva de quem lida diretamente com eles.

mesmo tempo, reconhece que o colapso não afeta apenas casas e ruas, mas também os manguezais, os peixes, as marés e os ventos que compõem o ecossistema lagunar. Habitar o problema, nesse sentido, é permitir que atores mais-que-humanos participem das narrativas e fabulações sobre o território ferido (Haraway, 2023).

A criação partilhada converte-se em gesto político e ético, capaz de abrir mundos possíveis no interior da ruína. Assim, a arte e o design tornam-se mediadores cosmopolíticos, capazes de compor fabulações que mantêm vivo o conflito e a memória, enquanto esboçam porvires precários e compartilhados.

4. Considerações finais

As práticas artísticas que emergem diante do colapso socioambiental provocado pela Braskem em Maceió evidenciam que a ruína não é apenas vestígio passivo, mas um operador estético e político. Ao transformar casas vazias, ruas interdidadas e margens degradadas da lagoa Mundaú em superfícies de inscrição, pelos grafites, murais e intervenções performativas, recusam o apagamento do desastre e reinscrevem o território no campo da memória e da disputa pública.

Dessa forma, responde-se à questão central: as práticas artísticas insurgem como mediadoras cosmopolíticas, capazes de articular ausência e persistência na construção de narrativas que recusam a invisibilidade. A fabulação lagunar, nesse contexto, é entendida como insistência ética e estética, uma vez que imagina mundos possíveis em meio ao colapso, não pela restauração de uma harmonia perdida, mas pela composição precária e partilhada com o que resiste.

O estudo conclui que a criação, quando situada e partilhada, transforma territórios em ruína em espaços de enunciação, denuncia o ecocídio e ensaia modos de vida coexistentes com a água, com a memória e com os rastros do desastre. Ao propor a arte e o design como mediadores cosmopolíticos, o artigo evidencia sua relevância não apenas para o campo das artes e do design, mas também para debates contemporâneos sobre justiça ambiental, patrimonialidade e produção de futuros habitáveis.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

REFERÊNCIAS

HARAWAY, D. J. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

MANSUR, M. S; WANDERLEY, L. J. (coord.). **Colapso mineral em Maceió: o desastre da Braskem e o apagamento das violações**. Brasil: Comitê Nacional em Defesa dos Territórios Frente à Mineração; Observatório dos Conflitos da Mineração no Brasil, 2023.

SERRÃO, A. V. Ruína histórica e ruína metafísica. **digitAR - Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes**, Coimbra, n. 9, 2023. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/digitar/article/view/13884>.

SILVA, V. F; BAUER, A. P. M; SÁ, R. G. Q. de. Sal de lágrimas: análise da irresponsabilidade corporativa da Braskem no município de Maceió, AL. **Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management)**, v. 17, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.22407/1984-5693.2025.v17.p.e20251706>.

SOUZA, L; PETRONILHO, A. S; LOPES, C. E. da S. “Enquanto eu dormia, cavaram uma cova no fundo do meu peito”: Mineração, deslocamento compulsório e pichações nas ruínas de cinco bairros fantasmas (Maceió-AL). **Ponto Urbe** [Online], 31 | 2023. DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.15184>.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Brasil, n. 69, p. 442–464, 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464>.